

A BELEZA

Cláudio Pastro

A beleza norteia todo o ser humano.

Todos buscam a felicidade, a harmonia, a unidade consigo mesmo e com os demais seres através de manifestações de arte e beleza. O sentimento de beleza é inerente ao ser humano.

O que é beleza? Para que serve a beleza? Qual o conceito de arte e beleza hoje? Hoje, temos direito à beleza?

Cada vez mais nossas atividades têm sido por demais racionais. As religiões tornam-se objetos comerciais e as liturgias estão lógicas e racionais, voltadas quase que exclusivamente para a palavra. O mundo está programado: ciência, Internet, mídia... A palavra manipula os excessos de imagens que nutrem a sociedade. Imagens de “beleza” são usadas com outros fins e, portanto, são falsas imagens. Palavra e imagens, conteúdo e forma estão desconectados.

O fato religioso sempre determinou a beleza. Observamos em todas as culturas e religiões, direta ou indiretamente, que as expressões de beleza afloraram por um ato celebrativo e não como produto de comércio.

Por que a beleza nos atrai e seduz?

Além dos sentidos, além do imediato, a beleza vai muito além, é sinal de “outra coisa superior” que toma o homem por inteiro – a beleza “formatiza” o ser, o caráter, a personalidade. Pela beleza dá-se outra catarse, uma fusão: abre-se um horizonte que ultrapassa regras, palavras e emoções e gera novos encontros e desejos a ponto de nos encantar e seduzir e tocar profundezas não percebidas pela razão.

Hoje, o que chamamos de beleza está completamente distante de seu centro, de suas raízes, do elemento gerador da própria beleza.

Beleza e artes estão em crise, pois não conseguimos distinguir o belo do feio pois o determinante é o consumo. A beleza não é produto do

ser humano, está acima dele. Ela o atrai, o seduz, e, assim, o ser humano não vive sem ela. A beleza existe independentemente.

A proposta da beleza é gratuita, exige tempo, contemplação, observação, “namoro” e transformação, isto é, aquele que faz arte ou aquele que a observa é pedido mudança, transformação de vida. Impossível permanecer igual, passivo, diante do belo. A beleza se impõe e na relação beleza-eu, me submeto para buscar algo maior que me conduz ou ignoro-a mas, assim mesmo, ela me perseguirá indicando-me um caminho vital.

A educação pela beleza toma o ser humano por inteiro e, assim, afasta crises impostas pela sociedade, stress, competição, sucesso, angústias, intolerâncias... tudo aquilo que nos reduz em vez de nos colocar em relação plena com o que somos realmente: natureza, cosmos, espírito... seres únicos, irrepetíveis, chamados a responder à vida com alegria e felicidade.

Quando se aprecia ou se trabalha com arte (pintura, poesia, escultura, música...) confrontamo-nos, nos relacionamos com o outro (a arte) e esse encontro nos coloca num eixo, nos harmoniza ou desafia. A arte realiza em nós uma lenta, silenciosa, mas profunda educação, autodomínio e conhecimento, disciplina e respeito. Pela arte aprendemos a nos relacionar com os demais seres: as pessoas, a natureza e as coisas.

A arte nos coloca diante de nossos limites. A arte e a beleza educam a vontade enquanto que pessoas egoístas, paranóicas, são frouxas e violentas e travam ou quebram os bons relacionamentos. Por exemplo: quem trabalha o barro sabe que tem de respeitar os tempos do barro (amassar, tirar bolhas, esperar a secagem, recomeçar, acompanhar as temperaturas e os graus de umidade...) e não seguir o próprio ímpeto. Não é o barro que obedece às minhas ordens, mas sou eu que devo entrar no seu ritmo e natureza para, assim, juntos, realizarmos uma bela obra. Em todas as situações e com todas as pessoas e materiais, temos de comportar-nos igualmente se queremos chegar a bom termo. A arte nos educa para entender melhor o outro e respeitá-lo assim como a nós mesmos.

A beleza conduz a vontade à calma, ao equilíbrio dos sentimentos e das paixões até a total integração do ser, em si e com os demais. A beleza

nos completa antecipando e indicando o bem e a verdade antes que esses valores se tornem reais.

A arte, das atividades humanas, é a que mais se aproxima do Divino e é um dos claros canais que une o Espírito e o humano. Assim, percebemos que todas as expressões religiosas passam, necessariamente, pela arte.

Beleza e arte, como elementos formadores, realizam o homem por inteiro pois não estão ao serviço do poder, de ideologias e de consumo. Estes escravizam, iludem o homem. Uma obra de arte (concerto, pintura, arquitetura) pelo impacto, pela admiração, pelo estupor, consegue nortear (orientar) a pessoa muita além de teorias e demonstrações. Muitas vezes, as ciências e toda a racionalidade não convencem, não atingem o ser humano. Um simples canto ou som ou uma cor dão-nos uma resposta plena.

Ao contrario de tudo o que o conhecimento demonstrar, a arte nos educa acariciando-nos, pegando-nos pelo olhar, mão e coração e conduz-nos alem de nossas expectativas.

A beleza é sinal de uma felicidade possível, sinal de esperança.

O caos, o barulho, a desordem, a imundície apontam para o desespero e a violência, a falta de confiança naquilo que somos e fazemos. A beleza nos orienta, nos polariza, nos liberta até de nos mesmos.

Porem, a beleza é dúbia: serve “a Deus e ao diabo”. Quando é por demais subjetiva ou ideológica, certamente, é a “beleza purpurina”, o belo pelo belo, o esteticismo (hoje muito em voga) e é sinal de corrupção. A beleza, assim como a verdade e o bem formam a trilogia que levanta e enaltece o humano. Um não vive sem o outro.